

## CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS PROFESSORAIS EM SALA DE AULA: QUESTÕES DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE

**LIMA, Ana Gabriela Godinho,** [anagabriela.lima@mackenzie.br](mailto:anagabriela.lima@mackenzie.br)

*Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie*

### **Resumen**

En las aulas universitarias, la realidad de la arquitectura sólo se evoca a través de representaciones narrativas, textuales e imaginarias. Lo que realmente está sucediendo es la práctica docente, a través de la cual los profesores buscan comunicar a los estudiantes sus propias interpretaciones de lo que es válido y creíble en el mundo de la arquitectura. En el aula, los docentes movilizan sus propios arsenales personales de referencias, construidos a través de sus estudios, actividades culturales y diálogos con colegas del entorno. Los estudiantes, por su parte, se esfuerzan en dos dimensiones importantes: el desarrollo de competencias profesionales y la identidad profesional. En este proceso, las narrativas que traen los docentes al aula tienden a asumir la connotación de discursos dominantes sobre la profesión. El contenido de estas narrativas, por lo tanto, asume un fuerte rol estructurante en las identidades de los estudiantes. En situaciones de enseñanza donde predominan las referencias americanas, europeas y masculinas, podemos identificar al menos una disonancia en el escenario latinoamericano, con su mayoría de alumnas. En este sentido, la oferta de contenidos y narrativas en las que las jóvenes arquitectas latinoamericanas aparecen como referentes puede no solo ejercer un efecto renovador, sino también brindar modelos más apropiados desde los cuales las estudiantes latinoamericanas de arquitectura puedan dialogar en el proceso de construcción de sus propias capacidades e identidades. En este artículo, discutimos tres ejemplos de trabajos desarrollados por jóvenes arquitectas que están investigando arquitectura que parecen señalar estos caminos.

### **Palabras clave:**

**género, arquitectura, diseño, urbanismo**

## **Resumo**

Nas salas de aula das faculdades, a realidade da arquitetura é apenas evocada por meio de representações narrativas, textuais e imagéticas. O que concretamente está acontecendo é a prática professoral, por meio da qual docentes buscam comunicar aos estudantes suas próprias interpretações sobre o que é válido e crível no mundo arquitetônico. Na classe, professoras e professores mobilizam seus próprios arsenais pessoais de referências, construídos por meio de seus estudos, atividades culturais e diálogos com colegas do meio. Já as alunas e alunos esforçam-se em duas dimensões importantes: o desenvolvimento de habilidades profissionais e da identidade profissional. Neste processo, as narrativas trazidas por docentes em sala de aula têm a tendência de assumir a conotação de discursos dominantes sobre a profissão. O conteúdo destas narrativas, portanto, assume um forte papel estruturador das identidades do alunado. Em situações de ensino em que predominam referências estadunidenses, europeias e masculinas, podemos identificar no mínimo uma dissonância no cenário da América Latina, com sua maioria de estudantes mulheres. Nesse sentido, a oferta de conteúdos e narrativas em que figuram como referências jovens arquitetas latino-americanas pode não apenas exercer um efeito renovador, mas também prover modelos mais apropriados a partir dos quais as estudantes de arquitetura latino-americanas podem dialogar no processo de construção de suas próprias habilidades e identidades. Neste artigo, discutimos três exemplos de trabalhos desenvolvidos por jovens arquitetas pesquisadoras de arquitetura que parecem apontar para estes caminhos.

## **Palavras chave:**

**gênero, arquitetura, desenho, urbanismo**

## **Introdução**

Este artigo parte da constatação de que a realidade da arquitetura é apenas evocada em sala de aula, por meio das falas de professoras e professores que trazem, para este contexto, seu universo pessoal de referências. No processo gradual por que passam estudantes, ao longo de seus anos de faculdade, os conjuntos de referências de arquitetura e de identidades profissionais mobilizados por professoras e professores em sala de aula constituem-se em importante material de construção das habilidades e identidades profissionais. A exposição a conteúdos e discursos predominantemente masculinos, estadunidenses e europeus exerce efeito significativo neste contexto, e deve ser posta em questão.

O processo de formação de habilidades e identidades estudantis pode ser considerado uma prática em si, às quais estudantes entregam-se não apenas articulando as narrativas que circulam no meio acadêmico, mas também fantasiando identidades às quais dão corpo no processo de interagir com colegas e docentes. Neste cenário, a emergência de temas decoloniais e de gênero trazidos por jovens arquitetas que engajam-se em pesquisas na pós-graduação *stricto sensu* pode contribuir para a renovação das narrativas professorais, apontando para diferentes estoques de habilidades a serem desenvolvidas e possibilidades de construção de identidades profissionais.

Três estudos de caso foram selecionados para esta discussão, dentro do universo de trabalhos orientados pela autora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo SP, Brasil: o primeiro abordando o papel dos centros comunitários em territórios vulneráveis de países em desenvolvimento; o segundo documentando e discutindo o processo de concepção, viabilização econômica e construção de uma casa para abrigar uma residência e centro de cultura de povo originário mexicano Totonaca; por fim, um ciclo de conversas sobre processos de projetar com jovens arquitetas latino-americanas.

### **Práticas Professorais, Práticas Profissionais**

No ensino superior em Arquitetura e Urbanismo, dois conjuntos de práticas articulam-se em sala de aula, em diferentes dimensões: a prática professoral e a prática arquitetural. Enquanto a prática professoral é o que de fato está acontecendo, e portanto, a realidade daquele momento, a prática arquitetural é apenas evocada, representada. Em sala de aula, o valor das arquiteturas e conceitos arquitetônicos produzidos em contexto europeu e estadunidense, ainda abordado com bastante ênfase em programas de ensino de arquitetura, precisa ser problematizado. Do mesmo modo o necessitam a produção arquitetônica e intelectual que valoriza protaгонistas e características masculinas na arquitetura e suas interpretações.

Como ponderou Tardif (2000), a prática do ensino e os saberes mobilizados por professoras e professores não são elementos separados, mas integram as situações de trabalho. Na prática professoral, como prossegue Tardif (2000), os saberes são elaborados e construídos no universo pessoal destas ou destes profissionais, e desse modo encenados em sala de aula. Este universo é em boa parte estruturado a partir da leitura de livros e capítulos de história da arquitetura, artigos científicos, textos e vídeos produzidos pelo jornalismo especializado. Também são constituintes do discurso professoral as interlocuções entre colegas de profissão – da arquitetura e do ensino –, ocorram elas no contexto da prática profissional do dia a dia, ou informalmente nos

restaurantes, bares, cafés e corredores de escritórios e universidades. Estes discursos, como se sabe, não são neutros nem tampouco objetivos, mas sim permeados por visões de mundo, crenças compartilhadas, valores, ideais, convicções, desejos.

Professoras e professores, nas faculdades de arquitetura, são desafiados a lidar com a ausência de experiência das alunas e alunos, tanto no que se refere a suas habilidades de desenho e projeto quanto no que se refere a seus repertórios. A situação é ainda mais complexa quando se tentam trazer para a sala de aula situações semelhantes à prática profissional. Muitas vezes, a resposta dos estudantes a uma demanda professoral é uma solução auto-referente, pouco relacionada aos universos arquitetônicos considerados válidos por professoras e professores (Lawson 2011).

No esforço por suprirem o hiato entre a posição auto-referente do alunado principiante e o universo cultural arquitetônico, professoras e professores irão mobilizar o seu estoque de referências projetuais e intelectuais que, a seu ver, possuem valor e credibilidade suficiente para serem trazidas às suas aulas e orientações. Estes estoques de referências são articulados pelos discursos construídos em boa parte pela história, teoria e crítica arquitetônicas. É aí que uma nova série de desafios aparece: a presença predominante de arquitetos homens e de suas arquiteturas produzidas por e para os mundos europeus e estadunidenses têm a tendência de assumir o status de "ficção dominante", para usar a expressão discutida por Kaja Silverman (Ray 2001). Para a autora, a ficção dominante é a "realidade ideológica" em que se vivenciam e reproduzem os julgamentos de gênero, classe, raça e outros eixos de construção de identidades e também de opressões. Silverman dá ênfase aos esquemas de poder que visam garantir o consentimento inconsciente da dominância sobre o dominado, bem como o papel da fantasia na manutenção da ordem social (Ray 2001).

Quanto à prática arquitetural pode-se dizer que o ato de projetar é um ato de pensar e desenhar aspectos de um objeto que ainda não existe (Martinez 2000). Nas idas e vindas deste processo, talvez possamos dizer que projetar é uma negociação entre o conhecido e o desconhecido. Em geral, no início de um projeto, conhece-se o terreno e a legislação que incide sobre ele, o programa, a área construída, o número de pavimentos, entre outros fatores. São conhecidos ainda, por quem projeta, os instrumentos de trabalho: referências projetuais, habilidades de desenho e de manejo de softwares. O conhecimento das próprias habilidades e disposições pode ser considerado um dos elementos em ação na fronteira entre o conhecido e o desconhecido na atividade de projetar, já que nunca se sabe completamente os potenciais e limites das próprias

habilidades. O que se sabe é que, com a experiência, profissionais adquirem maior confiança nas próprias capacidades de concluir um projeto com eficiência e no prazo.

### **A Construção Das Identidades E Habilidades Profissionais Em Estudantes**

Para estudantes de arquitetura, que não contam com experiência profissional, a persistência no desenvolvimento tanto de suas habilidades quanto de suas identidades profissionais é em boa medida inspirada por referências: projetos de arquitetura e personalidades do mundo arquitetônico. O processo interno que cada estudante passa ao se interessar por referências inspiradoras está fortemente ligado ao poder das narrativas, entendidas como estruturas de pensamento que constituem aquilo que é considerado válido e crível dentro de um determinado círculo social ou profissional.

Talvez possamos traçar aqui um paralelo entre a construção da identidade da arquiteta e da artista. Para Thornton (2014, 13-14), "ser uma artista é um fazer (...). Assim como o tamanho e a composição de um trabalho, o modo de caminhar e falar de uma artista tem que persuadir, não apenas os outros, mas a própria praticante". Nossas identidades profissionais são fantasiadas nos recessos mentais de nossas mentes antes que se tornem, de fato, realidade (Balinisteanu 2008). Vamos dando corpo a estas fantasias à medida em que adotamos as narrativas que circulam no campo da profissão, e com as quais entramos em contato na convivência com colegas e pelos meios de comunicação. Desta forma, passamos a "citar" constantemente estas narrativas e nestes atos de citação vamos moldando como nos percebemos e aos outros (Balinisteanu 2008). Negociamos nossas identidades nos contextos em que interagimos. É nesse sentido que Lawson (2011) observa como estudantes de arquitetura falam, se vestem e se comportam. O que há em comum entre estas observações é que artistas, estudantes e profissionais da arquitetura, como dissemos acima, constroem suas identidades profissionais a partir da observação de modelos e da imersão nas narrativas sobre estes modelos que circulam no meio em que transitam.

Desta reflexão decorrem algumas implicações interessantes para pensar o papel das abordagens decoloniais e de gênero no ensino de arquitetura na América Latina. No centro do debate sobre as perspectivas decoloniais está a questão da produção e circulação de conhecimentos e da epistemologia (Santos, Araújo e Baumgarten 2016). Podemos dizer que as mulheres latino-americanas são novos sujeitos epistêmicos, cuja experiência e pensamento interessa considerar. Estas protagonistas, bem como os modos como produzem e compartilham os conhecimentos que constroem a partir de suas próprias vivências e instrumentos são convocados a "falar" sobre

os mundos em que habitam (Hofman e Duarte 2021) . Estas "falas" apenas recentemente começaram de fato a ser mais percebidas e despertar maior atenção.

Nos circuitos tradicionais em que circulam as publicações universitárias, editoras acadêmicas e periódicos indexados, as narrativas foram sendo moldadas de forma a atender às recentes exigências de internacionalização da ciência (Santos, Araújo e Baumgarten 2016). A língua inglesa, e as estruturas de pensamento que lhe são próprias, tornaram-se um padrão no qual a descrição de raciocínios objetivos e abstratos é favorecida, em detrimento de uma variedade de outras formas discursivas mais apropriadas para a expressão de saberes que se constroem a partir da memória, da cultura e da vivência. Neste contexto, outra questão que emerge é: como a disseminação da pesquisa acadêmica nestes moldes tem, por um lado, impactado o modo como se faz pesquisa em arquitetura na América Latina e, por outro lado, como este modo de fazer pesquisa participa na formação de estudantes de graduação de arquitetura?

### **Perspectivas coloniais e de gênero em pesquisas de jovens arquitetas latino-americanas**

Trabalhos recentes produzidos por alunas do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie vêm apontando caminhos sugestivos para o ensino de arquitetura. Os três estudos de casos aqui selecionados, partem de uma preocupação pessoal das arquitetas e pesquisadoras, que passam então a empreender uma investigação que transita entre os modos tradicionais de se fazer, e comunicar a pesquisa e novos caminhos de estudo, cujo valor e credibilidade é melhor entendido a partir das perspectivas decoloniais e de gênero.

### **Estudo de Caso 1: Centros Comunitários em Territórios Vulneráveis - Laura Paes Barreto Pardo**

Laura Paes Barreto Pardo debruçou-se sobre a arquitetura dos Centros Comunitários em territórios vulneráveis de países em desenvolvimento, projetados e construídos sem apoio governamental. Para tanto, a autora realizou um levantamento sistemático de publicações especializadas em arquitetura no período de 2007 a 2017, no qual as obras foram analisadas em relação à sua viabilidade tendo em vista as características de vulnerabilidade dos territórios em que se implantavam; aspectos construtivos e tecnológicos dos edifícios; estratégias de sustentabilidade destes edifícios após sua construção.

Reflexões específicas sobre o papel dos Centros Comunitários para as mulheres em territórios vulneráveis foram registradas em artigo posterior, em que as autoras Lima e Pardo (2020) apontam algumas características neste sentido. Em primeiro lugar, a possibilidade de convívio em



que apenas servir de domicílio para a Abuela. A Casa destina-se a ser um espaço de preservação e recuperação do patrimônio imaterial do povo Totonaca, representado pelas histórias, lendas e rituais compartilhados pela Abuela Cuentacuentos a todos que ali acorrem.

A pesquisa acadêmica construiu a reflexão teórica que serviu como instrumento de reflexão profunda à arquiteta, que foi confrontada com questões difíceis, principalmente como, e com que direito interferir no espaço, físico e simbólico, de uma cultura originária? No desenvolvimento do projeto arquitetônico foi se desenhando um processo colaborativo em que a cooperação e o respeito mútuos não se limitaram a questões formais, como o uso dos materiais e mão de obras locais e tradicionais do povo Totonaca. O trabalho encontrou seu principal sentido nas palavras da Abuela Cuentacuentos, ao compartilhar a Profecia: *El Águila, El Cóndor, El Quetzal y el Colibri, una profecía para nuestros tiempos*, sobre a qual assim se refere a Abuela Cuentacuentos Montag (2022, 138):

La profecía, reúne lo individuo con la comunidad, de esta forma podemos considerar al águila y el cóndor como dos aves individuales que aúnen sus esfuerzos. Podemos verlos cómo se unen sobre la base de individualidades, que avanzan hacia una vida conjunta, como familia o como compañeros en el trabajo. También podemos verlos como parte de esta comunidad más grande, que tiene dos lados y dónde se reúnen el lado que entiende la ciencia del mundo, la tecnología la industria y la innovación con el lado que comprende el alma humana, nuestra conexión con la naturaleza y la tierra misma y de esta forma, podemos saber cómo avanzar hacia una forma de vida saludable y en paz (Grijalva, 2021).

### **Estudo de Caso 3: Conversas Latino-americanas - processos de projetar - Mariana Alves e Arqtetatlás**

O "Conversas Latino-americanas: processos de projetar" organizado por Mariana Alves e o coletivo do qual faz parte, o Arqtetatlás, integrado também por Juliana Trama, Thaís Coelho e Amanda Tamburus, foi um evento em quatro episódios<sup>118</sup>, em que jovens arquitetas latino-americanas foram convidadas a falar sobre seus processos de projeto. Fizeram parte destes encontros as arquitetas Gloria Cabral, do escritório paraguaio "Gabinete de Arquitectura"; Paula Zasnicoff, sócia do escritório brasileiro "Minas Gerais Arquitetos Associados"; Deborah e Cintia Lins, sócias do escritório brasileiro "Lins Arquitetos" e Maríaluisa Borja, do escritório equatoriano "Al Borde".

---

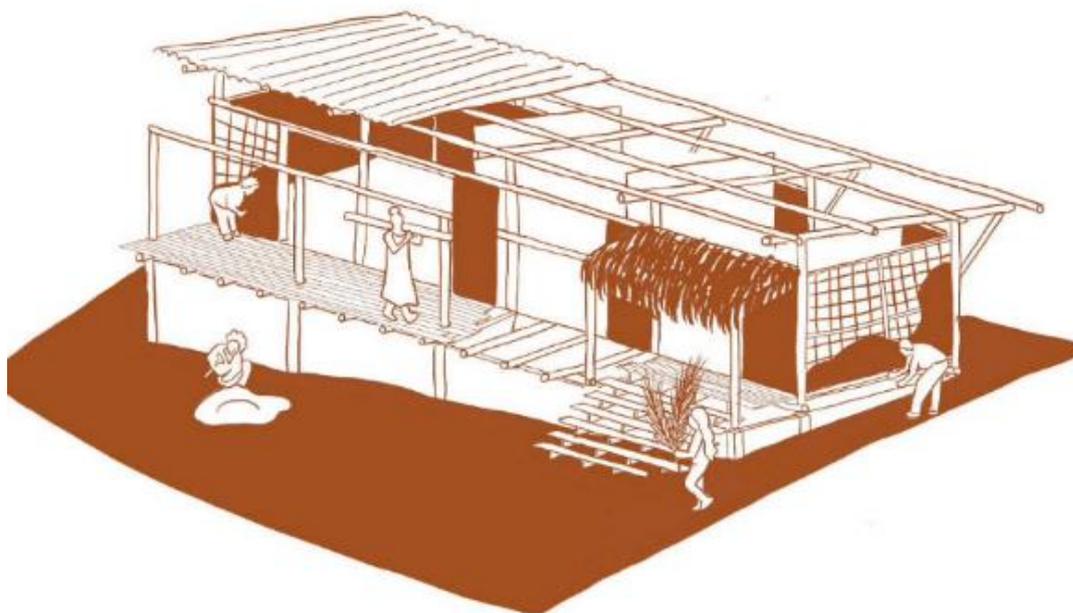
<sup>118</sup> Disponíveis em: [https://youtube.com/playlist?list=PLGkGziqfvQuHyJ\\_UubE0pk9GzzERallC](https://youtube.com/playlist?list=PLGkGziqfvQuHyJ_UubE0pk9GzzERallC)

Figura 2: Maria Luísa Rivera Grijalva, a Abuela Cuentacuentos, no escritório da sua casa na Cidade do México, 2021. Fonte: Montag (2022, 89).



O objetivo da organização deste evento desdobrou-se em duas partes. Na primeira, a organizadora buscou explorar seu interesse pelo modo como as arquitetas jovens arquitetas latino-americanas vêm lidando com problemas contemporâneos, mas de certa forma sempre presentes nos processos de projeto em arquitetura: as limitações financeiras, a disponibilidade de materiais e mão de obra; as demandas dos clientes; as questões climáticas. Ao longo das entrevistas as arquitetas descreveram desafios em todas estas dimensões, e os modos como os superaram,

Figura 3: Representação do projeto e esquema descritivo dos conceitos incorporados no projeto e o valor do financiamento.. Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli. Disponível em: Montag (2022, 203)



## Construção

através da construção de oficinas para a comunidade, com foco em

- 1- preservar o patrimônio cultural construtivo
- 2- emancipação da indústria da construção que degrada o meio ambiente
- 3- experimentar o canteiro de obras como um espaço para criar novas narrativas, para transgredir as relações de poder e para discutir a autonomia corporal

Um espaço para compartilhar atividades e ecoturismo para gerar renda

- 1- rituais culturais (temazcal)
- 2- oficinas para promover a leitura; contação de histórias e apresentações
- 3- oficinas de horta e nutrição: alimentação e medicina tradicional
- 4- espaço de locação para receber turistas

**\$19,800.00 = Investimento total**

sempre combinando o estudo técnico rigoroso para a solução de um problema a uma abordagem insólita ou criativa, que qualifica esta solução como algo que torna único aquele projeto.

Atendendo ao segundo aspecto do objetivo, Mariana Alves e o Arqtetatlas buscaram promover a visibilidade destas arquitetas, cujos processos de projeto e obra construídos podem ser considerados referências importantes da arquitetura contemporânea, mas que são proporcionalmente muito pouco conhecidas do público de estudantes e profissionais da arquitetura.

### **Considerações finais**

Neste texto, foram discutidos aspectos do papel das narrativas construídas por professoras e professores nas salas de aula das faculdades de arquitetura. As referências mobilizadas por docentes sendo construídas a partir de seus universos próprios de valores, constituem-se de interpretações pessoais de leituras, vivências culturais e relações pessoais e profissionais no âmbito da profissão. São estas visões de mundo que serão transmitidas aos estudantes de arquitetura, ou seja, representações do mundo arquitetônico e não sua realidade propriamente dita.

Por sua vez, em seu processo de aprendizado não só de habilidades profissionais mas também de constituição da própria identidade profissional, estudantes de arquitetura utilizarão o material das narrativas encenadas em sala de aula como parte significativa deste processo. Neste cenário, a predominância de referências masculinas e estadunidenses ou europeias necessita ser posta em questão ao mesmo tempo em que novos cenários e possibilidades precisam fazer parte do universo de narrativas a que estudantes têm acesso.

Nesse sentido, os temas de pesquisa pelos quais vêm se interessando as jovens arquitetas que ingressam em programas de pós-graduação em Arquitetura podem significar um alento, chamando a atenção para novas possibilidades de construção de habilidades e identidades profissionais. Os três casos analisados aqui ilustram temáticas de gênero e decoloniais, ofertando novos universos de referências arquitetônicas e projetuais. Os projetos arquitetônicos discutidos em suas pesquisas foram concebidos e construídos predominantemente por arquitetas mulheres, provendo referências renovadas de identidades profissionais, modelos com os quais as jovens estudantes podem lidar à medida em que ponderam sobre suas próprias identidades.

### **Agradecimentos**

Agradeço às arquitetas e pesquisadoras Laura Paes Barreto, Mariana Montag e Mariana Alves, e também à Maria Luísa Rivera Grijalva, abuela Cuentacuentos, pelas trocas e contribuições para a realização do presente artigo.

Figura 4: Cartazes de divulgação das 4 edições do "Conversas Latino-americanas; processos de projetar". Fonte: ArqTetAtlas (2021).



## Referências

- Balinisteanu, Tudor. "States of Fancy: the role of fantasy and narrative in constructing social words". *Angelaki: Journal of Theoretical Humanities* 13, no.3 (2008): 1-16. <https://doi.org/10.1080/09697250802550855>.
- Hofmann, Susanne e Melisa Cabrapan Duarte. "Gender and natural resource extraction in Latin America". *European Review of Latin American and Caribbean Studies/Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, no. 111 (julho 2021): 39-63. [https://www.jstor.org/stable/48621865#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/48621865#metadata_info_tab_contents)
- Lawson, Bryan. *Como arquitetos e designers pensam*. Oficina de Textos, São Paulo, 2011.
- Lima, Ana Gabriela Godinho, Laura Paes Barretto Pardo. 2020. "Arquitetura para mulheres em territórios vulneráveis". VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2020. <https://enan-parq2020.s3.amazonaws.com/MT/21777.pdf>.
- Martínez, Alfonso Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Montag, Mariana Ferreira. "A Casa de la Abuela Cuentacuentos". Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2022.

Ray, Katerina Rüedi. "Bauhaus Hausfrau: Gender Formation in Design Education." *Journal of Architectural Education* (1984-) 55, no. 2 (2001): 73–80. <http://www.jstor.org/stable/1425608>

Santos, Boaventura de Sousa, Sara Araújo e Maira Baumgarten. "As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa." *Sociologias* 18, no.43 (2016): 14–23. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>

Tardif, Maurice. 2000. "Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários". *Revista brasileira de Educação* 13, no. 5 (2000): 5–24. <http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/disciplinas/magisterio/SABERES%20PROFISSIONAIS%20DOS%20PROFESSORES%20E%20CONHECIMENTOS%20UNIVERSIT%C3%81RIOS.pdf>

Thorton, Sarah. 33 Artists in 3 Acts. New York/London: W.W. Norton & Company, 2014.

Figura 5: A arquiteta Gloria Cabral fala sobre o projeto da Fundação Teletón – Centro de Reabilitação Infantil. Na imagem, a piscina de hidroterapia para crianças.. Fonte: Arqtetatlas (2021).

